

A ordem das desordens/

Estudo sobre o enciclopedismo na literatura e nas artes em Diderot e Voltaire, Sami Hilal e Bispo do Rosário

O universo (que outros chamam a Biblioteca)...

– A biblioteca de Babel - Jorge Luis Borges

“Os animais dividem-se em a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães soltos, h) incluídos nesta lista, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pêlo de camelo, l) etc, m) que acabam de partir o jarrão, n) que de longe parecem moscas.”

– O idioma analítico de John Wilkins - Jorge Luis Borges

Investigações, incursões e aproximações foram feitas no sentido de tecer possíveis relações textuais e visuais tendo como base o enciclopedismo francês elaborado por Diderot e Voltaire e o arcabouço imagético dos artistas brasileiros Hilal Sami Hilal e Bispo do Rosário.

Palavras chaves: Enciclopedismo, Diderot, Voltaire, Hilal Sami Hilal, Bispo do Rosário.

Investigations, researches and approximations were done in order to establish possible visual and textual relations based on French encyclopedia which was elaborated by Diderot and Voltaire and the imaging framework developed by Brazilian artists, such as Hilal Sami Hilal and Bispo do Rosário.

Keywords : French Encyclopedia, Diderot, Voltaire, Hilal Sami Hilal, Bispo do Rosário.

O que os literatos franceses Voltaire e Diderot e os artistas brasileiros Arthur Bispo do Rosário e Hilal Sami Hilal tem em comum? Haverá uma linha que possa unir a forma de como os conhecimentos foram abarcados nos livros franceses e a forma de estruturar o mundo utilizado pelos artistas brasileiros? É possível que a estrutura de compilar conhecimentos enciclopédicos seja utilizada para compilar sentimentos, memórias, imagens?

Consideramos o fato de que todos esses artífices das letras e da visualidade partem da mesma égide para ordenar e classificar as coisas. Todos eles encontraram formas de organizar, de forma que as coisas ao serem lidas (ou observadas) os conhecimentos façam amarrações com outros conhecimentos que estão ao lado, acima, abaixo, na memória, em formas de links, hiper e intertextos (as chamadas windows), nos verbetes, colagens, costuras de materiais diversos para que, mesmo de forma labiríntica e babélica, haja alguma forma de caotizar a ordem ou ordenar o caos. A esse exercício, chamamos enciclopedismo. Veremos como este projeto foi desenvolvido inicialmente na França do séc. XIX.

Traçar uma cartografia de possíveis relações entre o enciclopedismo na França e no Brasil a partir da literatura e das artes plásticas e investigar como os autores/artistas se apropriam deste grande projeto para abarcar o mundo; seja em compilações literárias (dicionários, enciclopédias) ou em coisas (livros objetos, barcos, mantos bordados, catálogos, atlas). Este empreendimento humano – tentar colocar todo o conhecimento dentro de um mesmo espaço - prevê o catálogo de tudo numa determinada ordem e dividido em temas e verbetes que se interligam. A enciclopédia é, pois, uma pequena biblioteca.

Da mesma forma Hilal Sami Hilal e Arthur Bispo do Rosário propõem novas experiências para a arte: entrecruzamento de textos (hiper e intertextos), de materiais que vão do algodão ao ferro, da madeira ao tecido, do desfiar de roupas velhas ao bordado de fibra de algodão, do cimento e caco de vidro a gotas de cola quente, do diálogo da leveza

com o peso. Tais cruzamentos atuam para evocar a memória do ausente, o registro da polifonia de vozes dos distúrbios e alucinações ou ainda o registro bordado das coisas do mundo. Cada um dos autores elencados aqui utilizam campos disciplinares variados e formas diferentes de estruturar e compor a enciclopédia visual/textual que pretendem fazer. Diderot e Voltaire propõem a analogia do livro/universo, da enciclopédia como forma de abarcar todos os conhecimentos do mundo, de utilizar o modelo enciclopédico para estruturar o caos; partindo sempre da metáfora do universo como Biblioteca.

Da mesma forma acredito que Hilal Sami Hilal assim como Bispo do Rosário, partem da concepção do universo como uma Biblioteca de Babel: cada obra é como um compêndio de uma enciclopédia. Cada obra, nesta perspectiva, funciona como um verbete (ou entrada) no qual todo conhecimento e informação são utilizados como forma de abarcar o mundo que abrange determinado tema. As obras por vezes esgotam o que podem dizer sobre o objeto descrito pela obsessão e grandiosidade da proposta de abarcar todo conhecimento possível no verbete escolhido.

Fez-se necessário estudar o enciclopedismo (nos vários textos) por sua re-significação na atualidade, pela forma como as novas ferramentas tecnológicas e uso de materiais plásticos variados são trabalhadas na arte; como são feitas as novas “adaptações” do texto (livros) para o texto visual. Foi questionado como os artistas utilizam a estrutura da enciclopédia para organizar em livros, mantos e listas sobrepondo outros textos e materiais para organizar fatos e gestos numa geografia menos emaranhada para se ler.

O que percebo é que a estrutura enciclopédica legada da França aparece na forma de classificar dos artistas brasileiros. O interesse é estabelecer aproximações para perceber as formas de catalogar experiências, sensações, de organizar sistemas de forma caótica, sabendo que o caos é também uma forma rígida de organizar.

Há outros questionamentos a serem considerados: qual estrutura narrativa prevalece nestes lugares imaginários (simbólico, imaginação, real) se é o conhecimento que une estes lugares e por quais tipos de classificação e/ou ordenação, como o trabalho enciclopédico é feito e, por fim, se podemos dizer que todas as obras fazem parte do mesmo livro e foram escritos sobre a mesma égide, o enciclopedismo.

Para estabelecer um diálogo com tais indagações, dividiremos este estudo em fragmentos. No primeiro, veremos o conceito de Enciclopedismo. Perceberemos com o auxílio de Erich Auerbach, Olga Pombo, Diderot e Voltaire como o conhecimento foi compilado no século XVIII. No segundo trabalharemos com conceito de Jacob, “Enciclopédia sem estrutura” (1991:29). Não ter estrutura é uma estrutura rígida da enciclopédia contemporânea.

Como ordenar as memórias e como mapear o caos sendo este simbolizado pelo imaginário, serão questionamentos importantes no terceiro fragmento. No exercício de pausar o olhar na Exposição Seu Sami de Hilal e nas obras de catalogação de Arthur Bispo do Rosário. A partir dessas aproximações, tentaremos perceber como Bispo e Hilal se valeram deste empreendimento gigantesco e infinito.

Todos estes livros/obras podem estar numa mesma biblioteca, sendo que todos os livros ramificam em rizomas onde os conhecimentos se interligam, dialogam e estabelecem um jogo de inter-relações. Cada livro alimenta e acrescenta informações potencializará o verbete (imagem, texto, bordado) contido nesta infinda Biblioteca.

Fragmento 1

Segundo Olga Pombo, o objetivo do enciclopedismo não era prolongar um ato de ensino, “mas permitir a transmissão às gerações vindouras dos saberes adquiridos no passado”. A enciclopédia toma forma da compilação, balanço de todos os conhecimentos acessíveis e o caráter de abarcar o universo.

Pombo afirma que a consciência do estado de inacabamento do projeto faz com que no século XXI não tenha como objetivo apenas abarcar o conhecimento, mas, sobretudo discriminar o que há de mais importante, sintetizar informações e anular redundâncias e informações insignificantes.

Para entendermos como o projeto enciclopedista cresceu e modificou o olhar das artes e principalmente, transformou as relações entre o texto e a imagem, as relações de sobreposição de conhecimento, a possibilidade de “ler” um mesmo verbete de várias formas ou por várias janelas, faremos uma sistematização do que foi e do que está se transformando este projeto tendo como base o enciclopedismo francês, o cerne do pensamento compilatório.

As idéias esboçadas nos séculos anteriores tomam corpo no século XVIII, que passou a combater as idéias do Cristianismo a partir das descobertas científicas que impulsionaram o movimento intelectual. Então o pensamento e vocabulário eruditos no século XVII uniram-se com a pluralidade e o intelectualismo do século seguinte. Surge então, a intenção de criar algum artifício de compilar o conhecimento.

Pierre Bayle, em 1697, publicou o *Dictionnaire historique et critique* como forma, a priori, de complementar o dicionário de Moréri. Os conhecimentos desse empreendimento de quatro volumes era compilar, em uma obra, os conhecimentos de História, Literatura, Filologia, Mitologia e, segundo AUERBACH, sobretudo a Teologia e a História do Cristianismo. No entanto, o livro para eruditos caiu no gosto popular e foi muito difundido no século XVIII. Bayle, com sua neutralidade e imparcialidade, discorria sobre os muitos verbetes do seu dicionário.

O personagem mais representativo do século XVIII, porém, foi François Marie d’Arouet que, mais tarde, adotou o nome de Voltaire (1694-1778). Tornou-se “poeta da moda” por provocar mal estar político dado o nível de atrevimento, sátira e ironia que sua literatura possuía. Foi perseguido e se refugiou durante três anos na Inglaterra. Lá adquiriu as idéias principais para voltar à França e fazer uma literatura diferente. Conhece o teatro de Shakespeare, diferente do Classicismo francês. Mesmo tendo sido criado num padrão estético muito apurado, Voltaire volta com ricas experiências estéticas.

Aos poucos, o movimento das idéias havia se cristalizado a um objetivo comum: a Enciclopédia cujo organizador foi Denis Diderot (1713-1740). Porém foi Voltaire, em sua velhice, quem dedicou de forma obstinada, desenfreada e obsessiva ao projeto. Uma das diferenças entre Voltaire e os outros enciclopedistas é que ele era o único que acreditava num Deus organizador da Natureza. Os outros eram ateus e materialistas.

Entre 1751 e 1772, o empreendimento, originalmente projetado por um livreiro, ganha idéias revolucionárias e filosóficas. Foi quando Diderot e Voltaire perceberam uma possível ferramenta de expansão do conhecimento e revolução dos espíritos. Nasce a Enciclopédia ou *Dictionnaire raisonné des Sciences et des Arts et Métiers*.

Fragmento 2

Como diz Jacob, “Enciclopédia sem estrutura” (1991:29) talvez seja a expressão que melhor represente a enciclopédia contemporânea. É na falta de estrutura, na estrutura caótica, que encontramos uma estrutura rígida. Não ter estrutura é uma das várias estruturas para organizar. As obras de Hilal Sami Hilal e Bispo do Rosário partem dessa forma de compilação. O caráter enciclopédico de seus textos (artístico e textual) não possui estrutura linear (princípio, meio e fim) e sim caráter cíclico (princípio, meio, fim, princípio). É no caos que a estrutura se organiza. Não ter estrutura, é uma estrutura rígida no enciclopedismo encontrado nesses textos.

POMBO (2006) sugere serem estes os elementos que organizam a estrutura do projeto enciclopedista. A exaustividade (pela exaustividade e obsessão o empreendimento enciclopédico beira o universo, o sem limite, a dimensão monstruosa), seletividade (demarcar o que é ou não pertinente, o que vale ou não ser compilado, o que merece ou não ser conservado e transmitido), abertura (todos os conhecimentos que o universo abarca podem ser compilados), similaridade (a proximidade dos conceitos universo e enciclopédia), descontinuidade (fruição do texto descontínuo), combinatória (para cada possibilidade de entrada, há uma série infinita de combinações possíveis), deriva (deambular, se perder pelos labirintos enciclopédicos), e o labirinto (ao abrir a enciclopedia e entrar, percursos vertiginosos, labirínticos e infinitos guiarão o legente).

A ordem (conhecimento disposto de forma sintética e ordenada) e o sistema (harmonia aos conhecimentos dispostos no compêndio) são elementos que fazem da enciclopédia uma biblioteca compacta. A enciclopédia tem um olhar direcionado para o leitor (o jogo da combinação das entradas é ditado por ele), o público (exige conhecimento prévio, inteligência e curiosidade) e o autor (antes solitário, surgiu a presença de colaboradores-especialistas) também deve ser perscrutado. A reflexão (sobre a situação do conhecimento registrado) e seu caráter atual (situação dos saberes na atualidade).

Os conhecimentos serão percebidos no momento em que nos deparamos com uma obra aberta: a enciclopédia é uma junção de conhecimentos que não encerra em si, ela se alimenta do conhecimento que são produzidos agora.

A enciclopédia tem como características a idéia de inventariar o conhecido, rearranjar conhecimentos e registrar o patrimônio cultural em sua memória artificial. Por detrás da idéia de conhecimento fechado, a enciclopédia guarda uma idéia do saber em constituição. É interessante pensar como ao longo dos séculos, a idéia de organização da enciclopédia vem modificando: as regras, a linguística, a forma, os compêndios, os suportes. Contudo, o século XX inaugura uma forma caótica de inventariar, o que Bispo do Rosário logo se apropria. É no caos que a organização é feita: o devaneio propõe formas rígidas de organizar. É nessa rigidez caótica que Bispo e Hilal tentam abarcar o máximo de conhecimento para cada verbete proposto.

Fragmento 3

O enciclopedismo contemporâneo segue alguns pontos trazidos à tona por POMBO (2006). É interessante pensar como a Wikipédia, a maior enciclopédia digital da internet, nos mostra em seus hiper links, glossário, na forma aberta de postar informações e de forma a agregar valor e “verdade” ao texto publicado. Assim como qualquer enciclopédia, a Wikipédia parte das mesmas características do enciclopedismo iluminista; agora como ferramentas tecnológicas que visam potencializar principalmente o caráter de multiplicidade, rapidez e combinatória do enciclopedismo.

Abertura, labirinto, deriva, combinatória são elementos enciclopédicos que aparecem nas obras de Hilal Sami Hilal e Bispo do Rosário: a capacidade de classificar e organizar as coisas e objetos tendo como base as memórias que passam pelo simbólico, pelo imaginário e pelo real. Neste sentido qualquer material tem potencial textual e visual para fazer parte da enciclopédia que cada artista pretende fazer. Bispo organiza vários objetos de plástico, madeira, papel, vassouras e tenta esgotar nestes objetos verbetes, o máximo de texto tais objetos que podem agrupar.

Bispo do Rosário já estava inserido numa enciclopédia (tendo como base a metáfora do universo, utilizando a idéia de que nós também fazemos parte da biblioteca, cada um de nós é um tomo, um compêndio da grande Biblioteca que é o universo). Ele morava na Colônia Juliano Moreira, instituição criada no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, destinada a abrigar aqueles classificados como anormais ou indesejáveis (negros, pobres, alcólatras e desviantes das mais diversas espécies).

Suas experiências o ajudaram a elaborar o senso de ordenação que leva pro cotidiano. Entre as catalogações feitas temas (verbetes) são variados. Destacam-se navios (tema recorrente devido à antiga profissão, marinheiro. Foi ainda pugilista e empregado doméstico), estandartes, panôs, coleções em miniaturas e compilações de objetos domésticos. Os materiais para a construção

de suas obras partem de seu cotidiano que era marginal, pobre, sujo. Re-significou plasticamente copos, pratos, chapéus, garrafas, vassouras e rodos, brinquedos, imagens de santos, botões, enfim “tudo que a sociedade jogou fora, tudo que se perdeu, esqueceu ou desprezou.”

Se Diderot e Voltaire partiram das tendências eruditas da escrita, do pensamento e do universo literário francês para elaborar o maior projeto de compilação do universo; Bispo do Rosário parte do entulho poético para catalogar o entorno e preparar o “memorial de sua passagem pelo mundo.” O cotidiano humano foi registrado em compilação obsessiva na fé da salvação e na clara separação de que existe um mundo dos homens e um mundo onírico na presença de Deus.

Iniciou um processo de classificar e catalogar as coisas e objetos humanos com organização rígida dentro da estrutura caótica e simbólica que adotou.

Todas as imagens foram retiradas dos links inseridos no verbete Arthur Bispo do Rosário na Enciclopédia virtual Wikipédia.

É importante relevar o rigor simétrico e ordinário das catalogações. Importante também perceber a obsessão de levar a todo custo a missão de que como escolhido por Deus teria:

(Sua missão era de) reconstruir o mundo após o fim de tudo, repovoando a terra como seus “objetos mumificados” e suas listas infinitas de nomes iniciados com determinadas letras do alfabeto e imagens em série bordados sobre panos ordinários.

Hilal, por sua vez, utiliza varias formas para trabalhar o enciclopedismo. Mantém o caráter obsessivo do projeto nos nomes que dá as exposições e as obras (Sherezade – menção as Mil e uma noites, Biblioteca, Atlas, o Livro Redondo). Se vale de listas de nomes, formatos variados de livros, bem como seus materiais e uso de galpões e salas gigantescas para as instalações. Substituir a razão pela conjectura, a razão pela imaginação

e pelo simbólico é o que Hilal faz pelos objetos que manuseia. Letras, listas, livros são estruturas importantes no processo enciclopédico.

Inserir em suas obras listas de nomes de pessoas reais em um projeto imaginário, se vale de materiais simples, mas os complexifica ao extremo, extraindo deles a máxima interpretação. Repotencializa o imaginário por meio da arte.

As marcas indeléveis que foram deixadas por Bispo do Rosário e as fortes impressões que Hilal Sami Hilal vem apontando em suas obras foram aproximados aqui no intuito de estabelecer diálogos tendo sempre como base o modelo do enciclopedismo iluminista.

Hilal admite que sua obra se constitui em uma dialética do devaneio, assim como o de Bispo.

Foi percebida que a obsessão e entrega ao projeto enciclopedista de Diderot e Voltaire aparecem nas obras Hilal Sami Hilal e Bispo do Rosário, cada um a sua maneira.

A idéia de enciclopédia contida nas obras de Bispo do Rosário e Hilal Sami Hilal revela a busca, a tentativa de esgotar a maior quantidade de informação sobre a entrada ou o verbete/tema estabelecido.

Deste modo, mesmo sendo artistas tão diferentes, há uma linha que une e borda estes textos, seja no conceito artístico das obras ou na visão fantástica e ficcional do mundo. As obras destes autores se encontram, perpassam e dialogam.

Por influência do projeto francês, as obras-tomos ou os compêndios de pano bordado, aço, fibras de algodão dentre outros resíduos do cotidiano, tentam trazer a ordem, o equilíbrio estético e humano para obter modos organizados de nomear e classificar as coisas na busca de encontrar e equilibrar harmonia poética e estética.

Penso que este modelo organizacional é uma forma de controle: não podemos controlar o fluxo

das coisas, sua ordem, muito menos sua rapidez (principalmente na idéia de inacabamento da enciclopédia. Assim que um tomo fica pronto já está desatualizado dado a rapidez e mutação das informações contidas nos verbetes. Assim que um livro ou obra é terminado, logo já não diz o que tem a dizer, não abarca o deveria.) pelo menos podemos controlar a ordem, a distribuição, a nomeação, fazer coleções e classificar as coisas.

Ainda esperamos o livro que não foi escrito. Que um dia ele possa conter todo o universo das coisas que teimosamente continuamos a nomear e ordenar.

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo, Cultrix, 1972.

DIDEROT E D'ALEMBERT. *Enciclopédia ou Dicionário Raciocinado das Ciências das Artes e dos Ofícios. Discurso Preliminar e outros textos*. Tradução: Fúlvia Maria Luiza de Moretto. UNESP, São Paulo, 1989.

LAROUSSE. *Dicionário ilustrado. Larousse do Brasil Participações*. São Paulo, 2004.

HILAL, Sami Hilal. *Seu Sami. (Catálogo) Curadoria e texto de Paulo Herkenhoff*. São Paulo, Serviço Social do Comércio/SESC Pompéia, 2008.

MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. A memória das coisas: Arthur Bispo do Rosário, Jorge Luis Borges e Peter Greenaway*. Rio de Janeiro, Lamparina editora, 2004.

POMBO, Olga. *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006.

POMBO, Olga. *O hipertexto como limite da idéia de enciclopédia*. Lisboa: Duarte Reis, 2006.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

Olga Pombo. *O projeto enciclopedista*.

Disponível em: "<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/cap1p2/genero.htm>

Acessado dia 29/07/2009 as 10:44

<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/cap1p2/genero.htm>

Acessado dia 29/07/2009 as 10:44 AM.